

**MEMÓRIA, HISTÓRIA E SOCIEDADE:  
ELEMENTOS CONSTRUTIVOS NA NARRATIVA  
DE JOSÉ LINS DO REGO NO ROMANCE *FOGO MORTO***

*Gleide Conceição de Jesus* (UEFS)

[meninadasletra.uefs@hotmail.com](mailto:meninadasletra.uefs@hotmail.com)

*Maria Fernanda Arcanjo de Almeida* (UEFS)

[nandaarcanjo8@gmail.com](mailto:nandaarcanjo8@gmail.com)

*Fogo Morto*, décimo romance e obra-prima de José Lins do Rego, que soube conciliar as suas vivências de infante de engenho e adolescente a sua admirável aptidão para narrar histórias, numa linguagem líquida, solta, livre e popular. A obra expõe o processo de transformações sociais no Nordeste brasileiro, do Segundo Reinado às primeiras décadas do século XX. Apesar de sua composição literária sólida, *Fogo Morto* é um documento sociológico, que retrata o Nordeste e as oligarquias dos senhores de engenho, ameaçadas com a chegada do capital oriundo da industrialização. São engenhos de “fogo morto”, onde decaí o patriarcalismo com suas tragédias humanas. A trama é a expressão da cultura da casa grande e da senzala com as consequências sociais do relacionamento de um com o outro. Mostra as intempéries vividas pelos nordestinos, o esteta manifesta a tendência regionalista de nossa literatura e ficção entre 1930 e 1945. Este trabalho versa sobre os elementos construtivos de José Lins do Rego em *Fogo Morto*, subsídios de caráter histórico, memorial e social, ao usar essas estratégias, cria uma narrativa carregada de inferências acerca do declínio dos engenhos no Nordeste, retratando profundamente o período de transformações econômicas, sociais e políticas vivenciadas no início do século XX, e transpondo para a literatura o imaginário do povo nordestino preservado nos romances cantados, narrativas orais e a literatura de cordel. Podemos observar o compromisso regionalista do autor, sobretudo de âmbito popular, justamente a linguagem popular da Paraíba, mantida em sua autenticidade regional. Agora, a linguagem dos vates populares, disseminada com uma cadência narrativa mais clássica. O ritmo fraseológico recria a mais antiga tradição dos contadores de histórias.